

A OBRA DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Italo Caroni

O nome de Villiers de l'Isle-Adam não figura entre os escritores franceses mais conhecidos no Brasil. Também na França, ele não desfruta de uma voga extraordinária. Praticamente desconhecido em nosso país e um tanto à margem das preferências do público francês de hoje, porque dedicar-lhe aqui estas linhas?

Villiers de l'Isle-Adam, cuja produção literária se situa no período de 1860-1890, foi uma figura de destaque no movimento simbolista francês e legou à posteridade uma obra original sob vários aspectos, abundantemente estudada pela crítica literária francesa logo depois de sua morte, isto é, em fins do século passado, e nos primeiros quinze anos de nosso século.

No estrangeiro, este escritor já despertou igualmente um interesse relevante. André Lebois observa, em 1952, que Villiers é mais conhecido na Inglaterra e na Alemanha do que na França. (1) Este fato se manifestou, naqueles dois países e em outros, através da elaboração de numerosos estudos críticos. Foram realizados assim trabalhos, alguns em francês e outros na língua local, que representam uma preciosa colaboração para a melhor compreensão do autor.

Completando aqui nossas pesquisas, começadas na França, tivemos a oportunidade de verificar que a língua portuguesa também serviu de veículo à curiosidade pela obra deste simbolista francês. A Companhia Nacional Editora, de Lisboa, publicou, em sua coleção Biblioteca Universal Antiga e Moderna, no ano de 1890, a tradução com-

(1). — A. Lebois, *Villiers de l'Isle-Adam, Révélateur du Verbe*, Neuchâtel, Editions H. Messeiller, 1952, p. 59.

pleta de *Histoires Insolites*, e mais tarde, em 1904, a de dois contos esparsos: *Conte de fin d'été* e *L'Etna chez soi*. (2)

No Brasil, podemos assinalar a tradução de *Le convive des dernières fetes*, precedida de uma rápida apresentação do autor. (3) Quanto a referências críticas, lembremos que Villiers é citado por Afrânio Peixoto, na introdução a seu *Ensaio de Breviário Nacional do Humorismo* (4), e que, mais recentemente, Paulo Ronai dedicou-lhe algumas páginas de seu livro de crônicas: *Como aprendi o português e outras aventuras*. (5) Além disso, como Villiers faz parte do simbolismo francês, escola que exerceu considerável influência na literatura brasileira, acreditamos que pesquisas pormenorizadas poderiam estabelecer suas possíveis repercussões junto a nossos simbolistas.

Estas razões, contudo, não bastariam para justificar nosso interesse, se a obra de Villiers de l'Isle-Adam já não representasse mais uma grande atualidade e não revelasse qualidades literárias permanentes. O tempo, decorrido desde o período de enorme entusiasmo que ela ocasionou em seus discípulos, operou sem dúvida alguma uma seleção de seus escritos. Passada porém essa fase de decantação, o nome do escritor bretão ressurgiu, despertando cada vez mais a atenção não só da crítica mas também de boa parte do público. Pois o tempo não extinguiu os lampejos geniais deste idealista revoltado contra a mediocridade de sua época e aspirando, através de sua mística individual, a um mundo superior onde reinam os valores supremos da beleza e da verdade que ele, mais do que ninguém, tinha a convicção de encarnar.

Com efeito, assiste-se atualmente, na França, a uma renovação importante dos estudos sobre aquele que foi, num determinado momento de sua carreira, o mestre incontestável de toda uma geração de jovens talentos literários.

Há cerca de vinte anos, verifica-se um movimento, liderado pelo professor P.G. Castex, da Sorbonne, que procura, além de difundir os melhores textos de Villiers e descobrir inéditos, facilitar sua com-

(2). — Villiers de l'Isle-Adam, *Histórias Insólitas*, tradução de D^a Christina A. de Assis Carvalho, Biblioteca Universal Antiga e Moderna, 16^a série, nº 64, Companhia Editora Nacional, Lisboa, 1890.

Os contos: *Conto do fim de verão* e o *Etna em casa* pareceram na mesma coleção, série 17, nº 68.

(3). — Villiers de l'Isle-Adam, *O conviva da madrugada*, tradução de Gustavo Nonnenberg, Miniatura FLAMA, São Paulo, 1944.

(4). — Afrânio Peixoto, "Humour" *Ensaio de Breviário Nacional do Humorismo*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

(5). — Paulo Ronai, *Como aprendi português e outras aventuras*, Rio de Janeiro Ministério da Educação Nacional, Instituto Nacional do Livro, 1956.

preensão por meio de comentários eruditos e farta documentação. O próprio professor Castex publicou, em 1944, o que ele chamou de *Reliques* de Villiers de l'Isle-Adam, páginas até então desconhecidas, compiladas entre os manuscritos que estão em sua posse. Com a colaboração de Joseph Bollery, fez um minucioso estudo histórico e literário de *Contes Cruels*, em 1956. (6) No ano seguinte, ajudado pelo mesmo colaborador, redigiu a apresentação de uma luxuosa edição do romance *L'Eve Future*, lançada por Le Club du Meilleur Livre. (7)

Ainda no ano de 1957, aparecia *Oeuvres* de Villiers de l'Isle-Adam, judiciousa escolha de textos, precedidas de uma análise introdutória de autoria de Jacques-Henri Bornecque. (8)

Em 1965 foram difundidos dois trabalhos importantes: *Le Prétendant* (9), nova versão da peça *Morgane* e cujo texto foi estabelecido e apresentado por P.G. Castex e A.W. Raitt; e, *Villiers de l'Isle-Adam et le Mouvement Symboliste*, de A.W. Raitt. (10)

Em 1968, o professor Castex publicou uma nova edição crítica dos *Contes Cruels* (11), que juntamente com os *Nouveaux Contes Cruels* obtiveram sua consagração definitiva pela crítica ao entrarem assim na célebre coleção dos Clássicos Garnier. JM. Bellefroid elaborou uma tese sobre o tema: "La création et l'expression littéraires dans l'oeuvre narrative de Villiers de l'Isle-Adam" Se acrescentarmos os numerosos artigos, que têm sido publicados periodicamente por todos estes estudiosos, teremos uma idéia precisa desta verdadeira ressurreição literária de Villiers.

A literatura surge como uma vocação irresistível para Villiers de l'Isle-Adam que, muito jovem ainda, começa a compor uma vasta obra abrangendo diferentes formas de expressão literária. Através do teatro, da poesia e da prosa, ele exprimiu suas grandes indagações e esperanças, mas também toda a sua cólera. Como o indicam alguns dos títulos de suas produções, a literatura de Villiers se inscreve sob o signo da esperança e da crueldade.

(6). — P. G. Castex et J. Bollery *Les Contes Cruels*. Etude Historique et littéraire, Paris, Librairie José Corti, 1956.

(7). — Villiers de l'Isle-Adam, *L'Eve Future*, Edition présentée par J. Bollery et P.G. Castex, Paris, Le Club du Meilleur Livre, 1957.

(8). — Villiers de l'Isle-Adam, *Oeuvre* Edition établie et présentée par J; H. Bornecque, Paris, Club Français du Livre, 1957

(9). — Villiers de l'Isle-Adam — *Le Prétendant*, texte établi et présenté par P.G. Castex e A.W. Raitt, Paris, Corti, 1965.

(10). — A.W. Raitt, *Villiers de l'Isle-Adam et le mouvement Symboliste*, Paris, Corti, 1965.

(11). — Villiers de l'Isle-Adam: *Contes Cruels, Nouveaux Contes Cruels*, Paris, Garnier, 1968.

Como todo adolescente, o jovem bretão também não fugiu à regra e começou, evidentemente, compondo poesias. Em 1859, apareceu sua primeira obra publicada: um volume, sob o título *Premières Poésies*, composto pouco antes, quando Villiers ainda não atingira seus vinte anos. O poeta adolescente nutria muita ilusão sobre este livro com o qual esperava obter um grande triunfo e, conseqüentemente, a consagração literária. A desilusão foi grande, pois apenas um número insignificante de amadores de poesia se interessou pelos seus versos. Não possuindo ainda maturidade e habilidade artísticas suficientes, Villiers se apegava muito aos grandes mestres, tais como Victor Hugo, Musset, Gautier, e sobretudo Vigny, compondo além disso uma poesia na qual a tendência à reflexão prejudica a inspiração. Apesar destas falhas, a poesia de Villiers de l'Isle-Adam já traz a marca do idealismo que o caracterizará e prenuncia suas reais qualidades artísticas. De qualquer forma decepcionado com esta primeira tentativa, deixará de compor versos e se voltará para outras formas literárias.

O teatro vem a seguir como nova tentativa de afirmação artística. Também neste domínio, sua ação se faz sentir desde a adolescência, pois, segundo alguns críticos, Villiers teria escrito aos 17 anos sua primeira peça: *Morgane*. Embora nunca tenha sido levada à cena, *Morgane* é uma peça elevada e impregnada de força trágica. Nela o autor exprime dois temas permanentes de sua obra: o amor e a ambição. Publicada em 1866, *Morgane* será totalmente remanejada dez anos mais tarde, dando assim origem a um novo drama, *Le Prétendant*, muito mais coeso e adaptável à cena. Uma outra peça, mais ou menos contemporânea de *Morgane* e intitulada *Elen*, também trata do tema do amor, embora com uma inspiração um pouco diferente.

“*La Révolte*”, pequeno drama de um ato, é talvez a mais humana e a menos intelectual das obras teatrais de Villiers de l'Isle-Adam. Focalizando o problema do amor conjugal, o autor transpõe para a cena o conflito que separa irremediavelmente dois temperamentos contraditórios. Também merece ser lembrada, mas apenas a título de curiosidade, uma outra peça intitulada *L'Évasion*, obra de circunstância, que Villiers teria composto em uma noite, para responder aos que o acusavam de lentidão no trabalho artístico.

Também foi uma circunstância accidental que o levou a escrever *Le Nouveau Monde*, drama histórico com o qual venceu um concurso instituído em 1875 para comemorar o centenário da independência norte-americana. Desta feita, porém, não se trata de uma obra de pequena importância. O conflito histórico se superpõe a um profundo drama humano através do qual o autor exterioriza todos os seus anseios e aspirações. Guerra e política, amor e fraternidade, tudo é ex-

pressado pelo estilo ao mesmo tempo elevado e simples que dá o tom ao drama.

Entretanto, a obra prima do teatro vilieriano, é incontestavelmente, *Axel*, que figurou há alguns anos no repertório de um dos teatros parisienses. *Axel* é considerada aliás como um testamento espiritual de Villiers de l'Isle-Adam, constituindo uma espécie de suma apoteótica dos problemas de ordem passional, filosófica, religiosa e mesmo oculta, que formam o conjunto de seu pensamento. Nestas peças, os amantes ideais, Axel e Sara, apesar das diferentes tentações que os solicitam, renunciam à vida terrestre e eternizam pela morte o instante da sublime revelação amorosa. O suicídio não aparece pois como renúncia, mas sim como redenção e a transposição artística simboliza neste gesto de aparente desespero a ressurreição do espírito. Em toda a sua complexidade, *Axel* exprime a constante aspiração de Villiers de l'Isle-Adam ao mundo espiritual.

Considerando-se que uma peça tão profunda como *Axel* revela, como algumas outras do repertório vilieriano, verdadeiras qualidades artísticas, o insucesso de sua obra dramática parece, à primeira vista, paradoxal. Nada é mais coerente, entretanto. Na realidade, o teatro de Villiers de l'Isle-Adam fracassou porque é muito profundo e excessivamente intelectual. Obedecendo quase que cegamente aos ímpetos da inspiração, o autor discorre longamente sobre os grandes temas de sua filosofia. Os personagens são movidos, não por paixões, mas por idéias e os diálogos se transformam quase sempre em discussões filosóficas. O grande público, mais preocupado talvez em divertir-se do que em pensar, recusa o esforço intelectual e perde o interesse pelo espetáculo. Villiers porém, consciente de seu valor, preferiu lutar contra a crítica de seu tempo da mesma forma que jamais cedeu às exigências do público, num insólito exemplo de fidelidade à inspiração e de hostilidade à comercialização da arte.

No âmbito do romance, o jovem Villiers concebeu um imenso ciclo romanesco, constituindo um todo e apresentando uma seqüência lógica. O entusiasmo inicial não bastou contudo para a elaboração deste projeto grandioso, sendo que apenas o primeiro volume da série foi concluído. Trata-se de *Isis*, que aparece como o primeiro episódio da longa aventura que deveria ter sido escrita e que contém o esboço inicial da intriga, além de uma minuciosa apresentação dos dois personagens principais. O jovem Strally d'Anthas, descendente de nobres alemães, é iniciado nos segredos e intrigas de uma corte italiana sobre a qual predomina, inflexível, altaneira e misteriosa, a figura de Tulia Fabriana. A vida da corte e o caráter dos dois personagens constituem o núcleo deste livro, no qual o mistério que envolve o personagem feminino cria uma atmosfera densa e ameaçadora.

Embora seja ignorada a sequência da aventura entre os dois heróis, a ação é esboçada de modo a prender completamente a atenção do leitor nos primeiros passos da intriga. Acrescente-se a isto a habilidade com que Villiers pinta o caracter dos personagens e tem-se assim uma idéia do interesse deste primeiro romance. Mas seus méritos não são apenas de ordem técnica. Através do nome simbólico de Isis, deusa da inteligência, da volúpia e da morte, o jovem Villiers de l'Isle-Adam descreve o mundo interior de suas preocupações filosóficas e metafísicas e as tentações da vida terrestre.

Não menos interessante é o romance *L'Eve Future*, obra de ficção científica, fruto de uma incomparável riqueza. Escrito por volta de 1880 e publicado sucessivamente em fascículos nos periódicos literários da época, este romance foi reunido definitivamente num volume único seis anos mais tarde. A ação de *L'Eve Future* se passa nos Estados Unidos e coloca em cena o já então ilustre cientista americano Thomas Edison, cujas descobertas revolucionárias começavam a abalar o mundo e a criar o mito da onipotência da ciência. Em seu fantástico laboratório subterrâneo situado nos arredores de Nova Iorque, Thomas Edison recebe a visita de seu amigo inglês, lord Ewald, que acabrunhado e desiludido da vida conta-lhe suas desventuras: constatando pouco a pouco a vulgaridade e a baixeza de Alícia, jovem dotada de uma beleza escultural, lord Ewald assiste, aniquilado, à destruição de seu sonho de amor. Para salvar seu amigo do suicídio, Edison concebe um plano ousado, qual seja o de construir um autômato feminino, no qual são registrados interiormente os mais belos textos dos poetas, sendo que exteriormente ele é revestido pelas formas da mais bela mulher. Esforço inútil, pois a ciência não supera o destino: regressando a seu país e levando consigo seu autômato ideal, o jovem lord perece num naufrágio.

No quadro amplo do romance, Villiers de l'Isle-Adam encontrou um dos meios de expressão literária mais adequados à livre manifestação de seu lirismo intenso. A intriga de *Isis*, e sobretudo, de *L'Eve Future*, é freqüentemente entrecortada por longas páginas escritas numa densa prosa poética.

Este lirismo é mais contido e equilibrado nos numerosos contos e novelas de Villiers. Sem perder jamais seu idealismo congênito, o escritor volta-se para a realidade, não tanto para vivê-la mas sim para criticá-la implacavelmente. E é sobretudo através das formas mais breves do conto que melhor se exprime sua verve satírica. O volume intitulado *Contes Cruels*, publicado em 1883, constituiu um verdadeiro acontecimento e, desde então, o nome de Villiers de l'Isle-Adam começou a adquirir uma grande importância nos meios literários franceses. Com um humor aparentemente leve, sempre sarcástico e às

vezes tétrico, Villiers ataca violentamente a sociedade de seu tempo, cuja corrupção e mediocridade o repugnam. Um outro volume, escrito mais tarde, e publicado sob o título de *Nouveaux Contes Cruels*, retoma não somente o mesmo título mas também as mesmas críticas, que aparecem também na série intitulada *Propos d'au-delà* incluída no referido volume.

O mesmo libelo veemente contra a mentalidade contemporânea aparece no volume *Chez les Passants*, que reúne pequenos contos, panfletos, além de crítica artística e literária. Várias outras séries de contos escritos por Villiers, como *Histoires Insolites* e *Histoires Souveraines*, conservam o mesmo sabor satírico, embora tendendo muitas vezes a um humor mais sombrio e macabro. Lembremos finalmente a longa novela *Claire Lenoir* que, reunida a três outras pequenas histórias, foi publicada sob o título de *Tribulat Bonhomet*, nome de uma das mais originais criações de Villiers, que simboliza de maneira grotesca e trágica a mentalidade burguesa da época. E assim completa-se o panorama do longo repertório da obra narrativa de Villiers.

Procedendo a um exame minucioso dos males que afetam a sociedade de seu tempo, Villiers coloca em cena os vícios e as vaidades humanas a fim de melhor ridicularizá-los. Sua arma mais possante neste combate contra a sociedade é a ironia mordaz. Ele dá a palavra aos representantes da mentalidade moderna e previne furtivamente o leitor, que pode assim participar da zombaria. Cumpre lembrar porém que Villiers de l'Isle-Adam não critica sistematicamente tudo o que é moderno, mas apenas aquilo que representa destruição ou baixa vulgarização de valores consolidados tradicionalmente.

Neste sentido, um dos temas preferidos da sátira villieriana é o excessivo otimismo engendrado pela súbita irrupção do progresso científico. Sob pretexto de aumentar cada vez mais o conforto moderno, a ciência contribui para o embrutecimento do homem.

O próprio Villiers de l'Isle-Adam foi muito influenciado, sobretudo quando jovem, pelas falsas utopias científicas que iludiram por algum tempo a humanidade durante a segunda metade do século passado. E sem ter uma verdadeira formação científica, realizou, graças à sua fecunda imaginação poética, grandes profecias confirmadas posteriormente pelas invenções dos cientistas. Seu entusiasmo contudo não o impediu de discernir claramente todos os inconvenientes e perigos de um progresso exagerado e mal controlado. Juntamente com outros espíritos da época, ele foi, por exemplo, um dos mais intransigentes críticos da tendência em se considerar o homem como um simples objeto passível de toda espécie de experiências. Razão por que ele mostra que nas experiências feitas com os condenados à morte, o

progresso moderno ultrapassa em crueldade a própria tortura inquisitorial.

No domínio da realidade quotidiana, Villiers ataca o artificialismo e suas conseqüências sobre a afetividade do homem moderno. Para ilustrar sua crítica, ele concebeu as invenções mais estapafúrdias: uma fábrica de ideais, coroas fúnebres inoxidáveis e resistentes até ao esquecimento, uma máquina para fabricar a fama ou renome literário, etc. Inventando tais extravagâncias em seus pequenos contos satíricos, ele nada mais faz do que acusar a asfixia moral trazida por uma civilização essencialmente materialista. Civilização que oferece ao homem um conforto perigoso e um conformismo capaz de aniquilar os sentimentos elevados.

Esta asfixia moral é tanto mais grave quando ela rompe totalmente com o passado. Por isso, ele luta com todas as suas forças para preservar a religião contra as ameaças do positivismo que, valendo-se do progresso, procura suprimir os símbolos da fé tradicional e criar uma nova moral, fundada sobre o materialismo. Através de sua obra aparecem vários personagens grotescos que encarnam o chamado “espírito positivo”. Aos fanáticos do progresso, ele opõe toda uma série de argumentos, mas insiste principalmente sobre suas nefastas conseqüências de ordem moral e afetiva, segundo afirma textualmente um dos seus personagens: as conquistas do homem moderno parecem “infinitamente menos úteis do que moralmente inquietantes, considerando-se sobretudo a quase simiesca atrofia do sentido natural... e a espécie de ossificação da alma por elas provocadas”. (12)

A crítica que Villiers de l’Isle-Adam faz ao fanatismo progressista, embora um pouco caricatural, conserva ainda seu pleno valor de advertência. No verdadeiro processo que intentou contra o progresso científico, Villiers foi sem dúvida alguma influenciado por outros escritores da época. Isto não lhe rouba contudo o mérito de ter lutado sempre contra a conseqüente degradação da alma humana. Passando da caricatura à ironia e da ironia ao humor negro, o polemista veemente preveniu também seus contemporâneos contra o perigo que representava a confiança cega num materialismo científico fascinante.

Suas convicções políticas mantiveram-no sempre ligado ao regime tradicionalista da monarquia. Contudo, embora tivesse pleiteado pelo menos uma vez um cargo político, nunca participou ativamente da vida política francesa, limitando sua ação apenas à crítica

(12). — *Histoires Insolites*, Paris, Le Livre Club du Libraire, 1965, p. 57.

dos maus políticos em particular e, de modo geral, do regime parlamentarista. As vicissitudes da época e sua formação tradicionalista explicam de certa forma sua atitude.

“ .No meio do violento conflito de interesses que, em nossos dias, asfixia sob o ridículo e o desprezo, todo esforço tentado para algo que seja elevado, desinteressado, digno de ser”, nada mais resta senão renunciar a toda causa nobre, afirma um dos personagens de Villiers. (13) Afirmação que constitui o fundamento de sua sátira política. O que o revolta são os interesses mesquinhos, o triunfo da mediocridade, em suma, a falta de idealismo.

Os primeiros passos do regime parlamentar deram a Villiers ensejo às críticas mais extravagantes e irônicas. Neste particular, as confusões e a desordem das assembléias foram seu alvo predileto. Sobretudo porque se criou assim uma verdadeira mania da oratória vazia e pretensiosa. Conseqüência direta deste fato, a bombástica gesticulação política provocou freqüentemente a sua cólera de escritor moralista, que assim se exprimia: “Em questão de atitude política, deve se exigir de um grande homem. outra coisa que não seja a mania de ‘trovar’, com o auxílio de pulmões de demonstradores de feira, os sórdidos lugares comuns cuja propriedade consiste em obter pela astúcia. os votos e o entusiasmo dos seres baixos, das inteligências de cabaré, dos seres sem Deus” (14)

Mas a sátira de Villiers visa igualmente o outro aspecto do problema, isto é, o que se refere ao povo, à massa que se deixa influenciar pelo prestígio e pelo aparato dos mitos criados pelos acontecimentos políticos. Impacientes e cegas, as multidões são terrivelmente perigosas quando desencadeiam violências, às vezes catastróficas. Embora seja sensível à justiça social e lute em companhia do proletariado contra a exploração ávida e hipócrita da burguesia insaciável, isto não o impede de condenar também a tendência das massas para a anarquia e terrorismo.

Da mesma forma, ele condena também as utópicas teorias humanitárias, numerosas no otimista do século XIX. Com realismo, elogia os esforços em vista de uma justiça social desejável, mas se desilude completamente ao constatar que, muitas vezes, os povos mais ciosos da liberdade são os primeiros a castigar os pobres e os humildes.

As sátiras políticas de Villiers retomam com sua violência característica a reivindicação romântica do artista abandonado e desprezado pelo Estado todo-poderoso. Assim suas críticas aparecem não

(13). — *Histoires Souveraines*, Bruxelles, Edmond Deman, 1889, p. 327.

(14). — *Chez les Passants*, Paris, Comptoir d'Édition, 1890, p. 188/9.

somente como uma revolta, mas também como uma espécie de revanche, uma vingança. Vingança na qual o artista, orgulhoso e ciente da imortalidade de seu gênio, proclama sua superioridade. A arte é universal, diz ele, e o gênio artístico não conhece fronteiras; os conflitos transitórios que opõem momentaneamente as nações umas às outras passam, mas as obras primas do homem permanecem eternamente admiradas por todos.

Se, por um lado, a atitude política de Villiers de l'Isle-Adam pode ser considerada como uma revolta sentimental, por outro lado, ela é devida às suas amargas constatações diante de uma realidade decepcionante. Seus sarcasmos acentuam o ridículo dos patriotas de ocasião, dos líderes vaidosos, dos interesses mesquinhos e dos maus profetas da humanidade, da mesma forma que critica o fanatismo das multidões. Villiers de l'Isle-Adam nos faz pensar nos moralistas clássicos que condenam, com um riso irônico, as transitórias comédias humanas. Como moralista também, ele previne o homem de todos os tempos contra o perigo dos mitos e dos entusiasmos excessivos que levam os povos a aventuras fatais.

Entre os supostos defeitos de seus contemporâneos, Villiers criticava sobretudo o simples bom senso, em sentido pejorativo, daqueles que regulam o próprio comportamento segundo preconceitos superficiais. Tal atitude, além de implicar falsas aparências, tende a reduzir os atos e os sentimentos humanos à sua expressão mais pobre.

O artista, pelo contrário, em sua ânsia de absoluto, não tem medo de parecer extravagante. Ao autor de *Axel*, os ideais nunca faltaram, da mesma forma que a extravagância nunca o repugnou. Razão pela qual julgou tão severamente a falta de gosto artístico daqueles que ele chama de “excessivamente equilibrados”, por ele mesmo assim definidos: pessoas “dotadas de uma esterilidade de bom gosto, realçada por uma rígida insolência” (15) e cuja divisa é: “tudo pelo bom senso e para o bom senso” (16) Em nome de sua concepção, Villiers exprime sua revolta de artista contra uma tal mentalidade. Vítima ele mesmo da cega incompreensão e da indiferença de seus contemporâneos, transpõe em seus escritos literários seus dissabores e sua indignação.

O tema romântico do artista humilhado e desprezado aparece através de sua obra sob a forma de símbolo ou alegorias. Alguns destes símbolos lhe são fornecidos pela vida real de artistas tomados como exemplo. Assim, num de seus contos intitulado “*Les filles de Mil-*

(15). — Vil. *Histoires Insolites* p. 83.

(16). — Vil. *Contes Cruels*, Paris, Carti, 1952. p. 245.

ton” é evocada a miséria do genial autor do “Paraíso Perdido” (17) Contemporâneo do próprio Villiers, havia o exemplo do grande compositor alemão, Richard Wagner, que passou momentos extremamente difíceis no início de sua carreira artística.

O sacrifício de toda uma vida a um ideal, o verdadeiro talento, os impulsos eloqüentes da inspiração são geralmente ignorados. Os gênios, isolados na própria grandeza, só alcançam a notoriedade no termo de um decurso histórico capaz de anular as paixões e os preconceitos reinantes na sua época. O triunfo imediato depende da sujeição do artista às modas literárias e ao gosto relativo de um determinado momento. Embora sempre aspirasse ao triunfo, Villiers nunca cedeu às modas literárias e jamais perdoou a incompreensão com que era acolhida grande parte de sua obra.

Mas os próprios escritores, às vezes, podem ser apontados como causa do mau gosto artístico. Com sua virulência habitual, Villiers de l’Isle-Adam define tais escritores como: “falsificadores da palavra, bandoleiros da literatura que, numa gíria de intringantes, com ficções banais, com caretas e pantomimas, atrofiam, numa impunidade triunfante e lucrativa, o sentido de toda elevação das multidões” (18) Não somente os autores puramente profissionais e venais, mas também os plagiários e imitadores foram fulminados pela sua cólera. A arte é, para Villiers de l’Isle-Adam, uma verdadeira fé, e o artista, totalmente desinteressado, obedece apenas à chama que o anima.

Resumindo este rápido esboço da sátira de Villiers de l’Isle-Adam, podemos ter uma idéia mais precisa dos diversos planos em que ela se exerce. A decepcionante realidade de seu tempo provoca sua ira de idealista. Ele denuncia as possíveis aberrações do processo científico, assim como os inconvenientes morais e materiais de um materialismo excessivo. Indigna-se contra as falhas de certos regimes políticos e manifesta seu pessimismo com relação às utópicas teorias humanitárias. Embora manifestando uma simpatia pelas classes sociais menos favorecidas, condena os excessos revolucionários e o terrorismo. No plano moral e intelectual luta também contra a mentalidade de sua época. Os interesses mesquinhos, a degradação dos sentimentos, o desprezo pela religião, a falta de elevação artística, tudo o revolta. E Villiers se vinga através de sua obra, encarnando personagens ridículos, fazendo a caricatura dos aspectos da sociedade que o decepcionam. Sua ironia sutil dá um sabor especial a muitas de suas páginas.

(17). — *Nouveaux Contes Cruels et Propos d’au-dela*, Paris, G. Grés 1923 p. 172-185.

(18). — *L’Eve Future*, p. 58.

Mas a sátira em Villiers de l'Isle-Adam não se insere absolutamente no quadro mesquinho da maledicência e da bajulação. Longe de ser uma crítica de encomenda, ela é, pelo contrário, a expressão de suas decepções e da indignação com a qual ele pune todos aqueles que negam seu idealismo. Trata-se pois de uma atitude fundamental diante da vida, uma maneira de sentir e pensar que o define profundamente.

A atitude satírica não é, de maneira alguma, o único aspecto interessante da obra de Villiers de l'Isle-Adam. Outras características, como por exemplo, a inspiração fantástica, mas sobretudo o idealismo, permitirão ao leitor uma apreciação mais ampla de suas qualidades literárias. Neste sentido, a leitura de obras como: *Axel*, *Isis*, *L'Eve Future*, *Contes Cruels*, *Nouveaux Contes Cruels*, *Histoires Insolites* e outras, apresentam um indiscutível interesse aos leitores, franceses ou brasileiros, que poderão assim descobrir ou aprofundar o conhecimento deste simbolista francês.